



**GOLLEGÃ**—Travessia de um vão ao pôr do sol

Cliché da Phot. Perez—Porto.

PROPRIETARIO  
*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



# Frigideiras e Restaurante

---

## Casa do Cantinho

---



Largo de S. João do Souto

---

---

**BRAGA**

---

---

Estabelecimento mais antigo

e acreditedado n'este genero





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 14 de agosto de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 111—Anno III



**COLLEGIADA DE GUIMARÃES**—O verdadeiro retrato da Virgem conduzido de Roma para aqui, por D. Payo Domingues, D. Prior de Guimarães e Deão de Evora no fim do seculo XIII

D'este retrato diz a tradição e pessoas que conhecem o original, ser copia fiel do existente na igreja de Santa Maria Maior em Roma, pintado por S. Lucas



# Chronica da Semana



## EM NOME DA LEI!

...E' o snr. dr. Bernardino Machado fez o seu juramento de Chefe de Estado. Junqueiro, posto de lado, poderá repetir aquelles seus versos do *Crime*:

*Subiram de repente as nossas inscripções  
... a honra ficou pura  
prosperou o commercio, floriu a agricultura,  
estretiou-se a união da corôa e dos vassallos,  
o ditoso burguez foi aparar os callos,  
e abençoada seja a execução da lei!*

Com effeito, a felicidade que o paiz sente, n'esta hora solemne em que o blandicioso sorriso triumpho, não admittre duvidas; e essa felicidade é tanto maior quanto a segunda eleição presidencial republicana vem derrubar todos os argumentos que até hoje haviam consolidado o principio da hereditariiedade real contra os mil anathemas dos demolidores revolucionarios.

Repare o leitor n'esta grande vantagem do principio electivo applicado á Chefia do Estado, que tem todo o segredo da sua força, na continuidade e estabilidade da acção por ella desenvolvida.

Sem duvida, a divisa *o rei morreu, viva o rei* não consente que as camarilhas e os partidos façam intervir na chefia da nação as suas ambições e os seus interesses. Morto o rei, já todos sabem quem lhe succederá, e aos subditos apenas resta ractificar um juramento de fidelidade. Mas não é isto uma sensaboria?!...

Muito mais curioso é incontestavelmente o democratico processo da eleição applicado ao Chefe do Estado; mais cheio de imprevisto, de vida e de interesse... Agora, por exemplo, o snr. Bernardino Machado foi eleito, depois de medonha intrigalhada e caciquismo, e deixa a marinhagem e os revolucionarios civis indispostos, o maior partido do regimen scindido, tudo confundido e baralhado.

Ao menos, o espectáculo tem originalidade; é novo entre nós, e diz-nos alto e bom som que a hereditariiedade real não valia nem vale... o snr. Leoffe do Rego, a renunciar o seu mandato de deputado por embirrar com o snr. Bernardino Machado presidente da republica.

O snr. Brito Camacho tem razão: isto é de facto outra coisa, e o paiz não quer outra porque sempre lhe aguçou a curiosidade o ultimo *acaba de apparecer*, nas livrarias como na politica, os dois templos da maledicencia portugueza.

Demais, o snr. Bernardino Machado é presidente do regimen *em nome da lei* e esta circumstancia derrota por completo o principio definido pelo povo em 1641 quando levou ao throno o duque de Bragança; — o rei está no throno por vontade do povo e só por vontade do povo poderá ser d'elle destituído.

*Em nome da lei!* Como estas palavras enchem a nossa

bocca que as profere! Verdade é que não sabemos bem o que seja a *lei*, mas em todo o caso, embora tenhamos muito mais clara comprehensão do que seja a *vontade do povo*, dictada em 1641, sempre fazemos uma ideia do que seja a *lei*, não é assim? A *lei* é o Jupiter Tonante da democracia redemptora. *Em nome da lei*, se proclamou a Republica: *em nome da lei*, se fez toda a perseguição religiosa; *em nome da lei*, se augmentaram as contribuições; *em nome da lei* se fez o 14 de maio e a segunda Republica... Mas quem é a Lei, afinal?

Não se sabe, ao certo. A's vezes tem-se a impressão de que a lei é o snr. Affonso Costa. Depressa, porém, se constata que a lei é coisa muito maior do que o maior politico da republica. E' que a lei é anterior á propria republica porque a republica já foi proclamada em nome da lei...

— Mas diga-nos, supplica o leitor, diga-nos o que é a lei; não percebemos ainda...

— Não. E' impossivel, leitor. E' impossivel dizer-te o que é a lei. Nós não podemos comprehender, porque não attingimos ainda (ai de nós!) o avatar da pureza republicana, nós não somos *puros republicanos*. Tu sabes, leitor, que no velho Egypto a massa dos fieis não podia penetrar no cubiculo onde o deus habitava e recebia apenas a visita dos iniciados nos mysterios. Um largo reposteiro, de bizarras côres, tapava o deus aos olhares dos fieis em prostração e em canticos. Os iniciados fallavam-lhe do deus, e elles esbugalhavam muito os olhos, e não comprehendiam o que era o deus que fallava pela bocca dos seus eleitos...

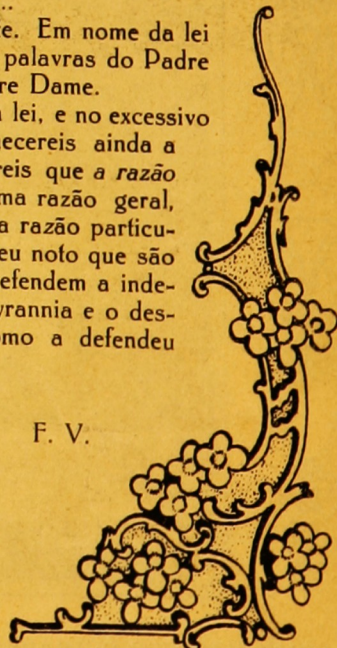
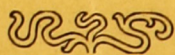
Assim nós estamos, leitor, perante a *lei*. Não a comprehendemos. Esbugalhamos muito os olhos, sabemos que a *lei* nos desgraça, mas não comprehendemos o que seja a mysteriosa divindade gentilica da democracia redemptora. Pobres mortaes que nós somos! A lei!... Pode mais que os *horriveis tyrannos* das dynastias lusitanas, todos juntos! Ainda hontem eu li que em Lisboa se estão fazendo prisões, *em nome da lei!*...

— Mas afinal que é a lei, essa lei tenebrosa, poderosissima, impalpavel, que nos esmaga e não vemos, que nos asphyxia, que nos estrangula, que...

— Oh! leitor, não se exalte. Em nome da lei não se exalte!... Leia aqui estas palavras do Padre Janvier, ditas em 1906, em Notre Dame.

«Na moderna concepção da lei, e no excessivo culto que se lhe presta, reconhecereis ainda a influencia do protestantismo, vereis que a *razão do principe* que é e deve ser uma razão geral, faz a lei para a multidão como a razão particular faz a lei para o individuo. E eu noto que são a Igreja e o catholicismo que defendem a independencia do homem contra a tyrannia e o despotismo *do poder e da lei*, como a defendeu contra a pressão da opinião...»

F. V.





# VIDA INTENSA

## Philosophia e carapaças



obra de Emile Faguet vae interessar a multidão. A grande massa desconhecia-a e ao passar pelas vitrines dos grandes livreiros parisienses, novamente cheias dos livros do mestre, vae ter a impressão de que tem alli fresquinhas de novidade, as ultimas obras da estação. Se não fosse o letreiro berante: «A França antes da guerra», a estimular-lhe a curiosidade, «O Culto da Incompetencia» e «O Horror das Responsabilidades», passariam despercebidas.

Entretanto affigura-se-me, que essas obras vão rejuvenescer, actualisarem-se, mais pelos dolorosos momentos, que a França atravessa, que propriamente pelo reclame habil dos livreiros.

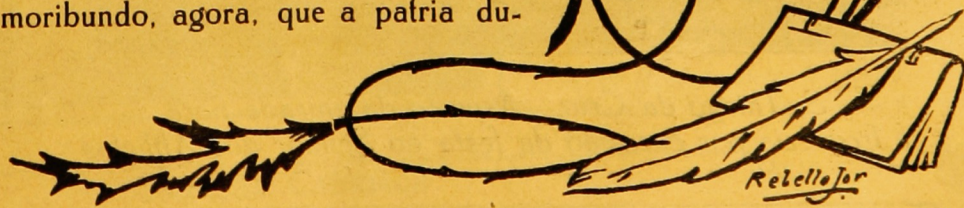
Faguet tinha o seu publico em todo o mundo; conheciam-o, apreciavam-o, artistas, pensadores, politicos, eruditos, mas a multidão desconhecia-o, ignorava-o e a França que o leu, não quiz vêr



FAMALICÃO—S. Thiago da Cruz, igreja do Senhor dos Aflictos

na sua obra desapaixonada e serena, a mais dolorosa prophesia,— a mais dolorosa e a mais inevitavel. Viu theorias habeis mais ou menos discutiveis, onde sómente havia deducções documentadas. Tomou á conta de paradoxos engenhosos e brilhantes, as mais precisas illações e assim, desprevenida, descuidada, cega, não soube, não quiz escutar, a voz amarga do observador, que clamava desgraça.

Vae entende-la, agora que os factos vieram na sua crudelissima evidencia, converter em amarga realidade as conclusões propheticas do grande pensador. Vae escuta-la, aspira-la, oxigenar-se d'ella, n'uma ancia febril d'organismo moribundo, agora, que a patria du-





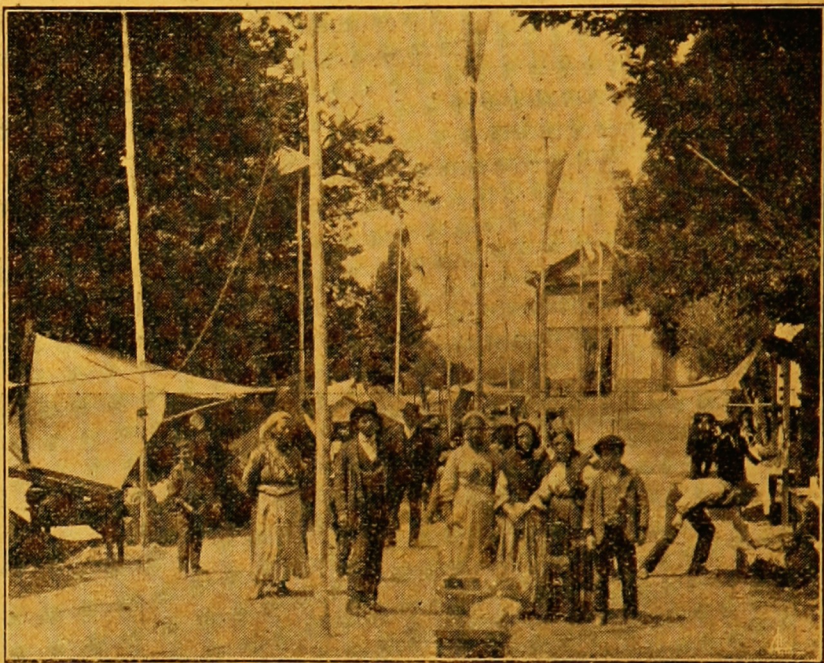
ramente, profundamente convulsionada tenta o esforço derradeiro. E Faguet n'esses dois livros admiraveis, apreciando a terceira republica, fulminou a incompetencia criminosa, que alastrando, subindo, dominando, empurrou a França para os dolorosos momentos actuaes.

Éra a voz da reacção politica, que se operava, perante a desorganisação profunda, que a guerra veio patentear, essa reacção salvadora, que agitava os intellectuaes e arrastou até ao Elyseu o presidente Poincaré, a clamar, a impor o verdadeiro caminho... Á guerra entretanto uniu todos os homens, estancou todas as correntes, perante o perigo common. Voltará a operar-se essa reacção? Voltará, agora que a leitura d'esses admiraveis livros vae commover profundamente a opinião; voltará logo que a França vencedora ou vencida, tenha que refazer a sua vida politica e economica tão duramente abalada.

E então, com o exemplo da desgraça, a França inteira, ha de entender e seguir essa voz redemptora, que por tanto tempo clamou em vão. Ha de entende-la a França, ha de entende-la o mundo. Os livreiros não resuscitam a obra; são os factos que a exhumam das estantes, que a arrancam dos gabinetes que a actualizam, que a fazem entender. E se Faguet descesse ao estudo de certas coisas ridiculamente pequenas e infinitamente ridiculas, poderia em nova edição, ampliar o seu "*Horror das responsabilidades*," voltando os seus olhos para esta luminosa republica, para estes nossos nacionalissimos estadis-

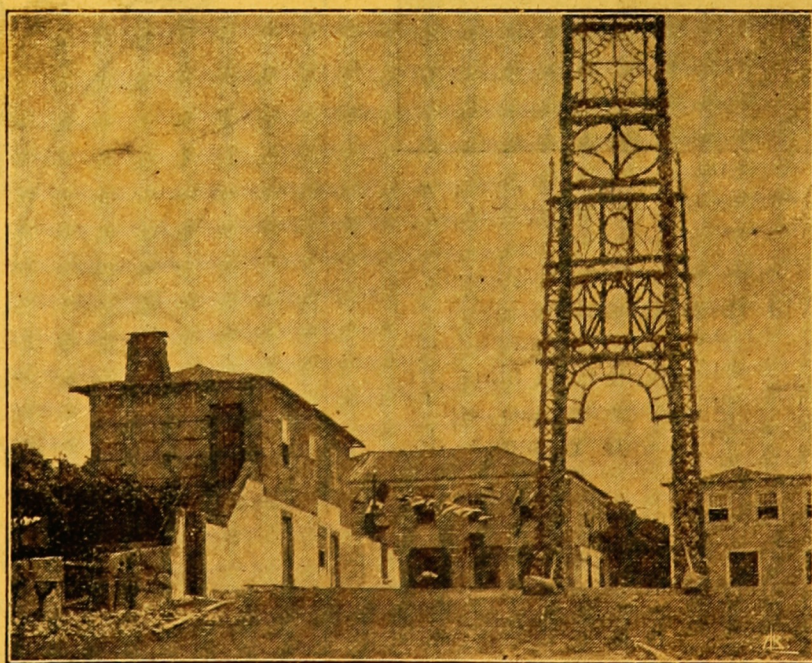
las, que são a mais exuberante expressão da incompetencia republicana. É que o seu livro cheio de duras verdades e de admiraveis conceitos, que é a mais fulminante condemnação das democracias, diminuidas dos homens as proporções, já por vezes me parece uma monumental carapuça para os estadistas portugueses. Mas a philosophia politica não pode descer aos pantanos, onde só vivem as nacionalidades, que se obstinam em dormir... Emile Faguet tambem não pode descer aos charcos...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



FAMALICÃO (S. Thiago da Cruz)—Um aspecto do arraial

O futuro é um quadro, que a imaginação-borda a seu arbitrio, e em que ha sempre falta de correcção no desenho.



S. Thiago da Cruz—Aspecto da entrada para a freguezia por occasião da festa ao Senhor dos Afflictos

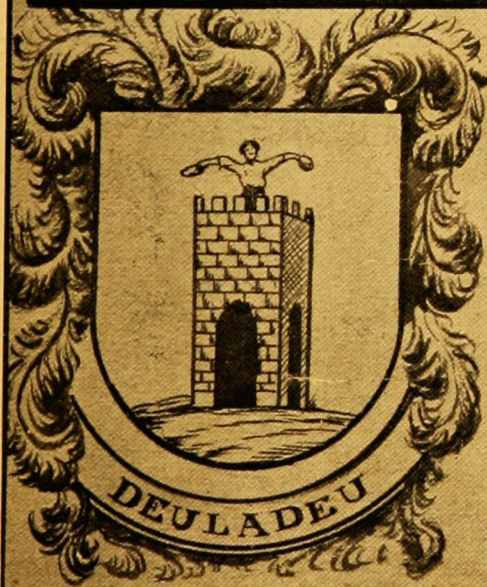


Padre José Maria Martins Alves da Rocha,

illustrado e bemquisto sacerdote portuguez, residente ha annos no Rio de Janeiro (Brazil), onde se tem distinguido pela sua nobre linha de conducta e bons serviços a favor de alguns collegas emigrados



# MONÇÃO -- A recepção ao Senhor Arcebispo Primaz



1 — Grupo de gentis damas que durante a missa celebrada por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> na igreja matriz, cantaram formosísimos trechos religiosos.

Da esquerda para a direita e sentadas: — as Exc.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup> D. Maria Filicita Guerra de Moraes, D. Alice Vieira dos Santos e D. Elvira de Abreu e Mello

Em pé: — as Exc.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup> D. Maria das Dores Ribeiro Monteiro, D. Maria Amalia Brandão e Valle e D. Candida Vieira dos Santos.

Acompanha-as o distinto pianista, Sr. Manoel Barreiros, gloria de Monção.

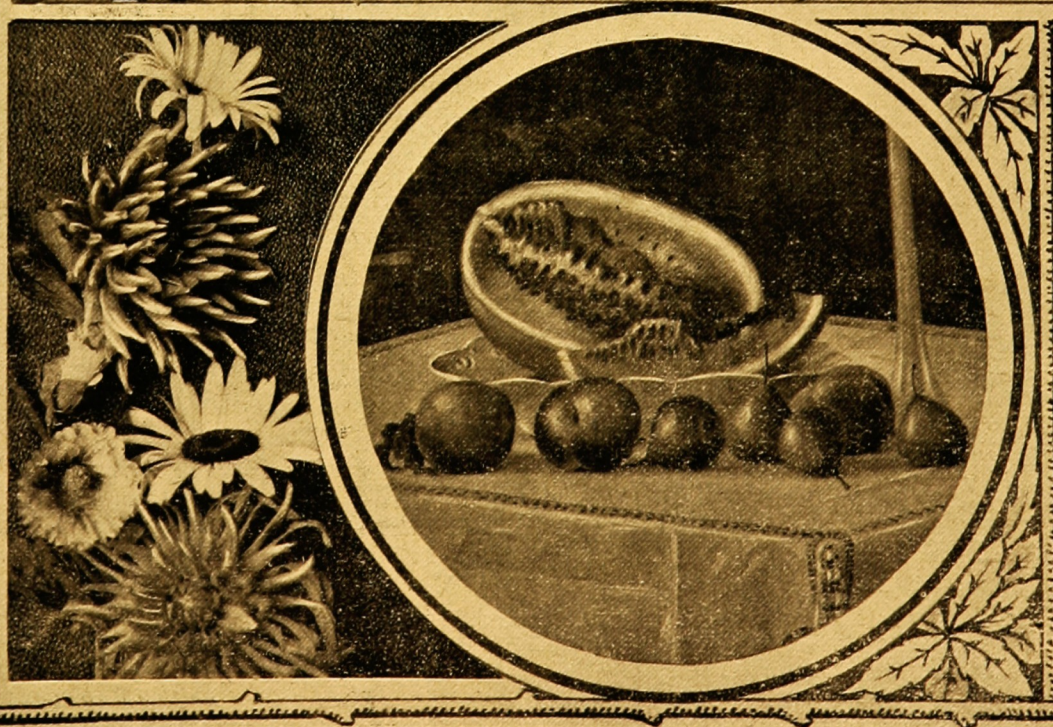
2 — O povo esperando o Senhor Arcebispo no largo fronteiro á estação.

3 — Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> de passagem para Valladares.



# EXPOSIÇÃO DE FRUTAS

DOS HORTICULTORES  
MOREIRA DA SILVA & FILHOS



1— Aspecto geral da exposição realizada no Salão de Festa do Jardim Passos Manuel, do Porto, nos dias 31 de julho, 1, 2 e 3 de agosto.

2— Fructas da casa Moreira da Silva & Filhos. — Quadro a óleo de Rebello Junior.





No salão Passos Manuel fechou ha dias uma interessante exposição de fructos, que tem sido muito concorrida e admirada.

Fructos tão appetitosos, avelludados e coloridos, não nos dá nenhum pomar, se não os portuguezes.

A photographia reproduz a fórma e a elegante disposição mas não pode fixar-lhe a tonalidade que na tela re-



produziu Rebello Junior, o nosso artista, cujo lapis e pincel inspirados, n'estas paginas tem traços de elegancia inconfundivel.

A rainha do certamen é a ameixa japoneza que tambem reproduzimos, felicitando sinceramente os expositores, e desejando a criação de vastos pomares no desprezado solo portuguez.



*Ramo fructifero da ameixa japoneza Satsuma (sanguinea)*

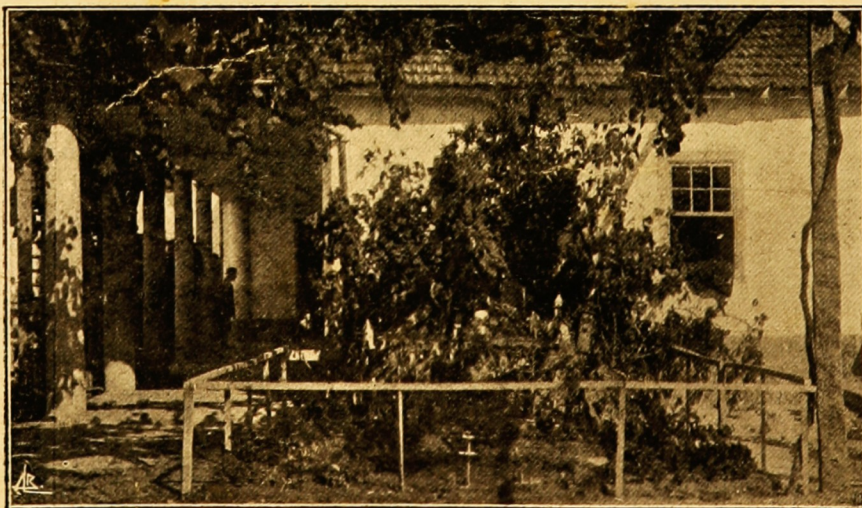


*Ramo fructifero da ameixa japoneza Durbar*





Grupo geral dos alunos  
Internato dos



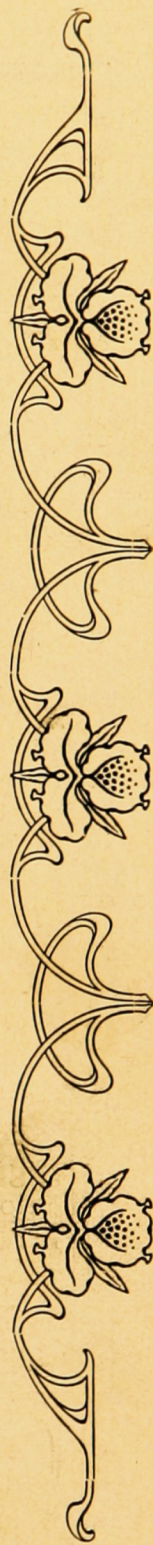
A cascata dos "petizes", n'um dos recreios do Collegio

O Collegio Internato dos Carvalhos, no paiz, teve ha dias a sua festa desportiva.

Festa de despedida dos alumnos do curso de Letras e Sciencias, teve a anima-la do Collegio. O programma que temos a honra de apresentar, tem a grandeza e esplendor, e se não fôra o limite não o teriamos na integra.

Todos os alumnos vibraram do momento e deixaram as mais gratas recordações esta festa. Todos os alumnos que neste anno a cursar os estudos superiores, não sempre com saudade a sua festa de despedida.





Alunos internos do Collegio  
dos Carvalhos

Um dos mais frequentados do norte do  
deste anno escolar.

7.º anno dos Cursos Complementares  
de grande entusiasmo de 250 alumnos d'este  
deante de nós, falla-nos da sua variedade  
de espaço de que dispomos, reproduzi-lo

com calor entusiastico, e em todos dei-  
mos. Os alumnos do 7.º anno, que partem  
para as nossas Universidades, esses evocam  
a despedida do Collegio Internato.



Enchendo um Zepellin



# A PALAVRA DE DEUS

De como o P.<sup>e</sup> Antonio Vieira ensinava a prégar

Ao Dr. Arthur Bivar

**D**IZIA-ME ha pouco tempo um amigo que hoje em dia se ouviam melhores sermões em aldeias ou villas de provincia, e em festas de piedade sem reclamo nas folhas, do que nos grandes burgos em solemnidades de muita pompa. Vou um pouco pela opinião do meu amigo e tomo-a como bom pretexto para lhe contar que ouvi esta semana, na rumorosa cidade onde vi-

vo, nada menos de tres sermões, todos diferentes, e todos elles proferidos por *consagrados cradores*, que é esta a designação creada na costumeira das gazetas para os prégadores de larga fama; e já agora (visto como diz respeito ao assumpto) lhe referirei tambem que de um velho abade recebi uma vez este acertado conceito: — a prégadores não bastam nem larga fama nem *larga rama* . . .

Pois foram tres sermões todos diferentes. Um recitado sem outros recamos de prosa do que os da limpidissima e saudosissima linguagem portugueza, com muito recheio da doutrina do cathecismo e um profundo sentimento de piedade e religioso fervor que a todos causou impressão comovedora. Outro em que a mais fina arte de dizer o que se sente, em bellos trechos litterarios de uma simplicidade bem nossa, traduziu um alto pensamento de apolo-gética firmemente estabelecida, com sciencia, consciencia e obediencia á doutrina da Igreja. O terceiro foi um desenrolar de palavras que produziu no que os pyrotechnicos chamam o *bouquet* final dos seus fogos d'artificio, um som mui parecido ao do folle de um órgão a esvasiar de sopra.

Qual dos trez sermões mereceu o meu gosto? Um só não foi, senão os dois primeiros; e em primeiro logar porque se um soube tocar bem no fundo a alma do povo crente que o ouvia, o outro me deleitou nos dominios em

que a arte forma o monumento encantador da crença. Talvez aquelle esteja mais conforme á indole apostolica do verdadeiro prégador da fé, este prendeu-me porque, embora não me aprõe de *intellectual*, não desdenho da arte, mórmente quando ella é posta ao serviço de Deus.

E dicto isto, reservo para o terceiro prégador uma reprodução dos conselhos que o genial Vieira deu aos prégadores. Quanto mais leio Vieira maior elle me parece e se o comparo a Bossuet encho-me de orgulho, pela profundeza de pensamento e das ideias, pela vastidão de talento, que digo? pelo genio, que elle demostra em mór escala do que a aguia de Meaux—uma aguia que não se arrojou a subir até aos mais altos pincares das montanhas.

“O pulpito é verdadeiramente o poço de Sichar onde se bebem as aguas da verdadeira doutrina..”, dizia elle no sermão de Santa Theresa. Vieira não poupava a oratoria sacra do tempo, fátua de palavras sonoras, (*nihil sub sole novum*, carissimo leitor) e mostrou-o bem quando na dominga da Sexagésima (a 19 de fevereiro do anno de 1655) prégando na capella real, dizia: «Ter nome de prégador ou ser prégador de nome não importa nada: — as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o prégador leva ao pulpito, é o que de sua vida teem os ouvintes». N'esta ultima parte discordarei de Vieira, que muitos ouvintes vão para o templo, não com espirito de aprender, senão com intento de colher pedra em que cá fóra afiem as linguas. E as d'aquelle tempo haviam de egualar as do nosso em mordacidade! . . . Para o egregio jesuita, porém, o capital era a auctoridade dos prégadores, «sentinellas da Igreja» que das fortalezas dos pulpitos devem fazer «prégações de verdadeira, zelosa e importante doutrina» que são, dizia elle no mesmo discurso, «os rebates com que avisam e admoestam aos ouvintes do estado perigoso de sua salvação».

Esta mesma ideia, porventura mais adentrada no seu espirito durante o trabalho de apostolisação no Brazil, manifestára-a elle já no



anno anterior, 1654, prégando no Maranhão o famoso sermão de Santo Antonio: «Assim como não ha quem seja mais digno de reverencia e de sêr posto sobre a cabeça que o prégador que ensina e faz o que deve,—assim é merecedor de todo o desprezo e de sêr mettido debaixo dos pés, o que, com a palavra ou com a vida prêga o contrario.»

«Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina; se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras; se uma coisa é o semeador e outra o que semeia, como ha-de fazer fructo?»

Mais tarde, em 1696, já ferido de cegueira e de surdez, o grande orador ainda recommenda no panegyrico de S. Francisco Xavier, que «a primeira diligencia dos prégadores, depois de acharem no Evangelho o sujeito ou heroe de que hão-de fallar, é tornal'o a buscar na sua vida. Ao menos eu assim o fiz, e alguma vez com ventura.»

Não era porém, bastante este requisito, para Vieira.

Se «palavras sem obras são tiro sem bala: atrôam mas não ferem» — «prêgar não é recitar.»

Serio conselho este, e muito de apreciar

n'estes tempos, em que já ouvi um sermão de Nossa Senhora das Dôres em que a Virgem entrou de comparsaria com Prometheu e Niobe n'uma baralhada de comparações irreverentes, e do qual se ausentáram os textos sacros e os Doutores da Egreja para dar logar a auctores como Schopenhauer que veio talvez a escudar do ridiculo das infantilidades esta banal afirmação: «a dôr acompanha a vida do homem»...

Seriam estes ou como estes os vãos da eloquencia d'outro tempo, que Vieira cortava com sabias reprimendas?

De certo. E os tufos de palavras com que alguns buscam satisfazer os ouvidos, não reparando em que, como dizia Vieira, «o que sae só da bocca, pára nos ouvidos, e o que nasce do juizo, penetra e convence o entendimento?»

Ouçamos os seus conselhos:

«Como hão-de sêr as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha-de sêr o estylo da prêgação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo pode sêr muito claro e muito alto: tão claro que o intendam os que



*Grupo scenico da Juventude Catholica de Guimarães*



não sabem e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura e o marcante para a sua navegação e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o marcante que não sabem lêr nem escrever, intendem as estrellas e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança a intender quanto n'ellas ha. Tal pode sêr o sermão: estrellas que todos as veem e muito poucos as mêdem...

Este excerpto pertence ao sermão do domingo da Sexagesima a que nos referimos. «Os palavrosos ineptos, diz um seu biographo, que dispunham da cadeira da verdade só para ostentar a gymnastica obscena dos gongorismos, exasperaram-se e morderam-lhe com furia.»

Ao P.<sup>e</sup> Antonio Vieira nada importavam os latidos dos que elle deixava mal feridos na rebeldia da sua vaidade. É mais tarde, naquelle *xavier acordado* que tantas preciosidades encerra, *desengano de sabio e ternura de religioso*, ainda repetia:

—São alguns prégadores, como os sacrisfães da aldeia, que no dia do orago cobrem o altar e o retabulo de tantos ramalhêtes que se não vê o santo...

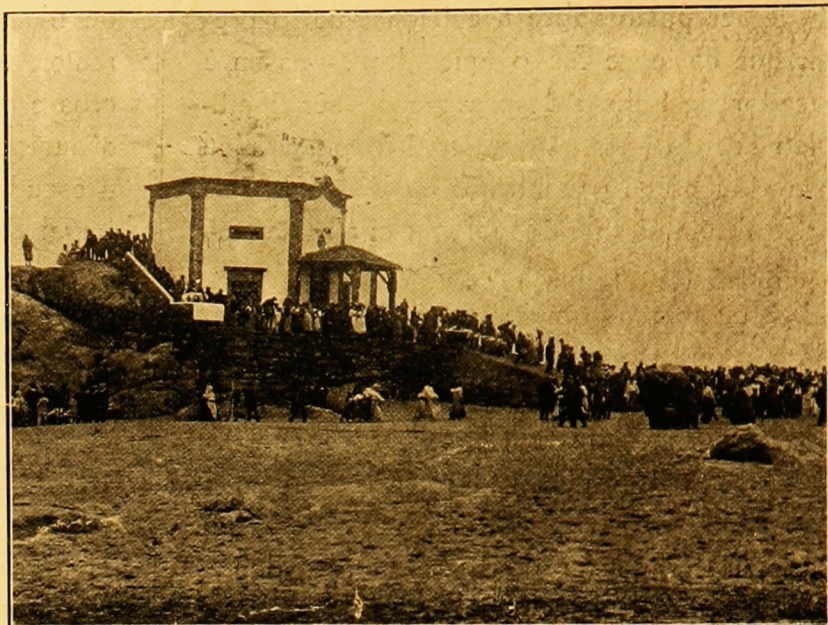
F. D'ALMEIRIM.

## Fastos do Catholicismo

### Consistorio pela paz

Correram boatos, que não foram desmentidos, pelos personagens do Vaticano, de que ao

## SENHOR DA PEDRA-Villa N. de Gaya Festa a S. Thiago



Um aspecto do arraial

começar o outomno S. Santidade Bento XV convocará um Consistorio cardinalicio para tratar da paz, pois, perante a perspectiva de outra terrivel campanha de inverno, deseja fazer um novo e solemne chamamento ao mundo, afim de que cesse a guerra.

### Uma carta do Papa

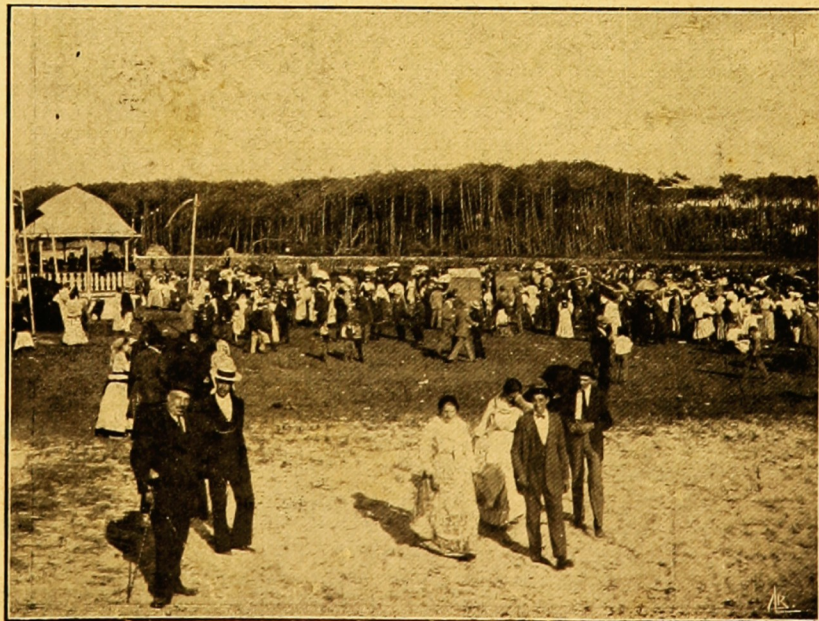
O *Oservatore Romano*, publica uma carta do Papa dirigida aos povos belligerantes por motivo do primeiro anniversario da guerra.

S. Santidade resume as suas tentativas esteireis em favor da paz, e exhorta os belligerantes a que deponham as armas, convidando os fieis a rogarem a Deus que inspire os chefes combatentes. O Pontifice termina a carta abençoando todos os povos.

### Cosinha economica

No palacio do Vicariato, generosamente cedido por nosso amado Pontifice Bento XV, inaugurou-se a Cosinha economica que o Circulo de S. Pedro custeia para as familias dos reservistas italianos. As religiosas Franciscanas preparam as refeições com caridade e zelo admiraveis e foi a princeza Piombino quem cedeu todos os utensilios.

Quando se trata de conquistar a independencia, não se deve recuar diante de algum sacrificio; não se pôde dizer: Eu pago e não quero combater; é necessario combater e pagar.



Outro aspecto do arraial





*Padre Lucio Dias Correia Fanha.*

nascido em Palmeira de Braga, em 6 de Agosto de 1863, ordenado de Presbytero em 6-7-1891, collado em Lago, em 1895.

Salvou de se afogar um pastor de gado em 25 do mez passado, um outro pastor da mesma freguezia e uma peixeira de Soutello, victimas de congestão cerebral.

Tendo dado mais provas de coragem, em incendios, de-sordens, etc.



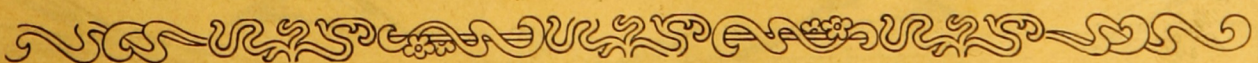
*Padre Casimiro José Rodrigues Barbosa*

Distincto sacerdote fallecido em 19 de julho ultimo e que durante 14 annos parochiou a freguezia do Bico, em Paredes de Coura




*O Rev. Padre Jorge de Lima Machado sahindo da igreja de S. João do Souto, depois de cantada a sua primeira missa*

Celebrou recentemente a sua primeira missa este novo sacerdote, e admiravel estylista, muitissimo dedicado às obras catholicas, nomeadamente á Juventude de que em Braga foi seu fundador. N'este tempo ser padre é ser heroe; que só o heroismo christão pode inspirar o desejo de uma vida onde se soffre e peleja. Receba por isso o novo padre o nosso preito.



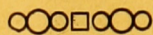




POEMAS

PEQUENINOS

## Singer



*Singer!* minha companheira,  
Não te canças de coser...  
Como a tua lançadeira  
Nenhuma outra pode haver...

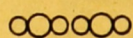
Minha amiga verdadeira,  
Quem adoça o meu viver,  
Meu viver de costureira  
Que trabalha até morrer.

'Nesta nossa pobreza — ai! —  
Que seria de meu pae  
E da minha pobre mãe...

Mas contigo, honradamente,  
Vivemos, alegremente,  
Sem vergonha de ninguém.

---

## O QUADRO



O quadro! que bem bordado!  
Que lindas e frescas rosas,  
Que petalas tão mimosas...  
Nem as que florem no prado.

Tudo tam bem enlaçado...  
Petalas tam graciosas,  
Vellutineas, vaporosas...  
Que nem um lirio nevado.

Como tudo alli rebrilha:  
A côr, a luz e a alegria,  
Tudo fala de esperanças...

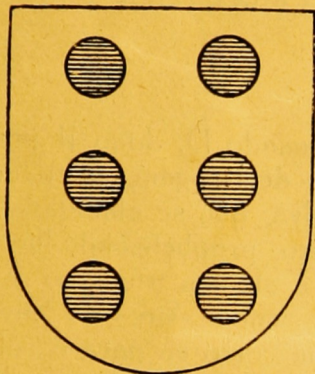
E toda esta maravilha  
Envolve a photographia  
De dous rostos de creanças.

FRANCISCO SEQUEIRA.

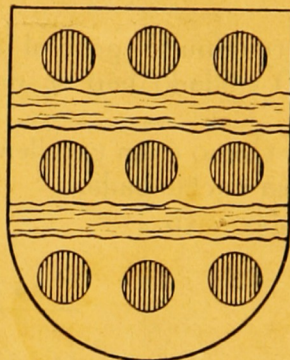


# ARMARIA PORTUGUEZA

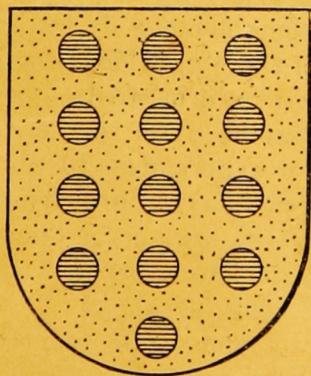
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



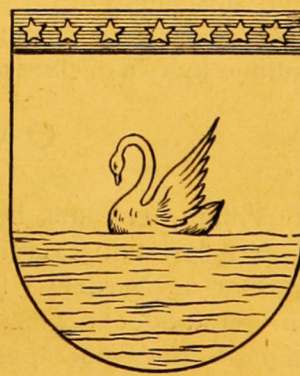
**Castros (D. Alvaro)** — Em campo de prata seis arroelas azues em duas palas. — Timbre: a roda de navalhas de Santa Catharina, em memoria de ser armado cavalleiro em frente ao monte Sinai por D. Estevão da Gama quando foi ao mar Roxo.



**Castros (do Rio)** — Em campo de prata nove arroelas de vermelho em tres faxas entre dous rios ondeados de prata. — Timbre: meio cavallo marinho branco saindo de uma onda.



**Castros (de 13 arroelas)** — Em campo d'ouro freze arroelas de azul em trez pallas. — Timbre: meio leão d'ouro armado de azul com as arroelas das armas na espadua.



**Cyrne** — Em campo de prata um cysne de sua cõr sobre a agua; em chefe azul, sete estrellas d'ouro em faxa. — Timbre: um cysne.





# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### Lamoricière e o soldado

**P**ASSEAVA o general Lamoricière nos arredores de Blidah fumando o seu cachimbo, quando encontrou um soldado vibrando rijas espadagadas numa arvore, e gritando:

—Ahl, velhaca, se tu fosses o general Lamori...

—Que farias? Perguntou o general parecendo de surpresa. O soldado não se desconcertou e respondeu:

—O que faria?... Como é um excellente homem, pedir-lhe-hia uma cachimbada.

E teve um cachimbo novo.

### Uma santa

Um filho da veneravel matrona Margarida de Chaves solicitava impertinentemente em Roma, a beatificação de sua mãe. Tinha o papa Paulo V remettido a causa a certo cardeal que, já sem paciencia para aturar o pretendente, disse-lhe:

—Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe, provai somente que vos sofreu, que o Pontifice logo a declarará por santa.

### O Vinho

O marechal de Villars, era um bebado emerito. Indo colocar-se á testa do exercito de Italia, em 1734, ao passar na Sardenha fez os seus cumprimentos ao rei d'aquelle paiz. Mas estava já tão embriagado que, não podendo suster-se em pé, estendeu-se aos pés do rei, dizendo:

—Ora eis-me inteiramente aos pés de Vossa Magestade.

### Homens e gente

Era vice-rei de Portugal, por nomeação de Felipe III, D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo. Um dia que atravessava as salas do paço, seguido de numerosos fidalgos e pretendentes, dirigiu-se-lhe Francisco de Azevedo Coutinho, soldado honrado e de justa fama na India, a entregar um memorial.

—E peço a V. Senhoria se lembre dos meus papeis, pois ha muito tempo ando pretendendo.

Respondeu o marquez:

—Ha muita gente a attender e nem a todos posso despachar em brevidade.

Aprumou-se Francisco de Azevedo Coutinho, adiantou um passo e ousou desenvolto:

—Senhor D. Christovão, despache V. Senhoria os homens e deixe para depois a gente.

Olhou-o attento o marquez, aceitou o memorial e despachou como lhe era requerido.

### Duque de Bragança

Quando D. João II prendeu em Evora ao duque de Bragança, deu-lhe por guarda Aires da Silva, que se afadigava em consolar o prisioneiro, prophetisando-lhe para breve a liberdade e até um triumpho.

—Senhor Aires da Silva, não se prende um homem como eu para o soltarem.

Respondeu o duque. E horas depois era decapitado.

### D. Sebastião e o armeiro

El-Rei D. Sebastião encomendou a um armeiro uma saia de malha, que o artista fez tão imperfeitamente e de tão fraca resistencia como se fôra de papelão. Encomendou segunda, e quando o armeiro lh'a trouxe para a provar, mandou-lhe o rei que a vestisse para nelle se fazer a experiencia. O rei pegou num estoque e arremeteu ao armeiro, que rapidamente arancou da espada e aparou o golpe. Recuou D. Sebastião e perguntou ao armeiro:

—Que fazes?

—Assim é que se provam as saias de malha. Replicou serenamente o artifice. Riu muito o rei, e festejou o dito com farta remuneração.

### O conde de Portalegre

Este fidalgo dizia:

—O homem a quem se faz um agravo e dorme uma noite sobre elle não praticará depois coisa que preste porque sabem bem os lençoes e o descanso da casa.

...

Os animos devem ser alegres. — *S. Bernardo.*

Para o alheio olhamos mais que para o nosso. — *Cicero.*